

VI Encontro Nacional de Estudos do Consumo

II Encontro Luso-Brasileiro de Estudos do Consumo

Vida sustentável: práticas cotidianas de consumo.

12, 13 e 14 de setembro de 2012-Rio de Janeiro.

O pão nosso de cada dia. Religião e consumo na imigração alemã.

Joana Bahia¹

Resumo

A imigração alemã no Brasil esteve vinculada ao processo de colonização baseado na pequena propriedade promovida por iniciativa do estado brasileiro nos estados do Sul e no estado do Espírito Santo. Esta pesquisa aborda a dimensão cultural da imigração, em especial dos aspectos simbólicos que envolvem a alimentação dos camponeses pomeranos, descendentes de origem alemã, habitantes do município de Santa Maria de Jétiba, região centro serrana do estado do Espírito Santo.

Esta população chega ao Brasil entre as décadas de 1870 e 1879. Não obstante a interrupção do fluxo migratório, estes imigrantes mantiveram seu dialeto, costumes matrimoniais, práticas mágicas que acompanham os ritos de passagem, festas comunitárias, tendo a continuidade das suas narrativas fantásticas e mágicas das histórias orais evocados como marcadores das diferenças identitárias existentes entre este grupo e os demais imigrantes de origem alemã.

Analisamos a imagem do pão, relacionado ao universo do trabalho feminino, as representações religiosas e identitárias desta população, que em sua maioria pertence às igrejas luteranas. O pão é o símbolo mais fortemente ligado aos provérbios e ditos populares que se remete aos primórdios da imigração, da penosidade das gerações de alemães na construção do ethos do trabalho como valor identitário e também se relaciona às imagens da religiosidade camponesa que evoca as “*boas virtudes*”. O uso

¹ Professora Associada da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Doutora em Antropologia Social/PPGAS/Museu Nacional. Pesquisadora Associada ao Niem (Núcleo Interdisciplinar de Estudos Migratórios)/IPPUR/UFRJ coordenado pelo Prof Dr Hélio Póvoa. Email: joana.bahia@gmail.com

das representações religiosas presentes no "*pão nosso de cada dia, nos dai hoje*" possibilita a construção de uma imagem idealizada do grupo. As características do ethos luterano compõem a imagem da boa virtude, pobreza e do despojamento como fundamentais na elaboração da identidade camponesa.

Palavras chaves: Pão (brot), religiosidade luterana popular, pomeranos, imigração alemã no estado do Espírito Santo.

Introdução

Pão, alimento do espírito (Geist). Inspiração e elemento étnico associado à história da imigração alemã. Presente no cotidiano das colônias alemãs, nas suas festas, na produção feminina da renda complementar e no sentimento de conforto e afeto marcador de uma crença numa coletividade comum (Weber,1944). O pão é o alimento a ser buscado, quase sinônimo de terra, reflete a busca pela Canaã pelos imigrantes que aqui chegaram, marcando não somente a idealização do projeto migratório, mas também seus problemas e fracassos. O ditado *Aos primeiros, a morte. Aos segundos, a miséria. Aos terceiros, o pão*² é significativo.

Terra, liberdade. Fins a serem alcançados após a morte, a miséria e o pouco de pão obtidos sucessivamente pelas várias gerações de descendentes dos pomeranos, imigrantes oriundos do norte da Alemanha que se instalaram no interior do estado do Espírito Santo, no Brasil. Conforme Bahia (2009), este ditado mostra as condições precárias da política de imigração implantada pelo Estado brasileiro que marcaram as primeiras gerações aqui chegadas e a imagem idealizada de “terra prometida”, de “Canaã”, que paulatinamente seria construída pelo *ethos* do trabalho camponês. As etapas de pecado, inferno, dor e miséria se complementariam com a salvação, ressurreição e finalmente a Canaã almejada.

A metáfora bíblica da Canaã, da terra que “*emana leite e mel*”, “*prometida pelo Senhor aos escravos de Israel no Egito*”, é evocada na imagem construída pelo imigrante que busca a liberdade e a terra. A representação de Canaã significa gradativamente: morte, miséria, redenção e salvação. No final de todas as etapas, o ciclo se fecha com a morte honrada pelo esforço do trabalho familiar na terra e o resultado de seus frutos (op.cit).

Canaã representa não apenas uma imagem de um campesinato que partilha por valores comuns, mas expressa o universo de conflitos existentes na reprodução da condição de trabalhadores rurais de origem pomerana diante da escassez de terras e das dificuldades econômicas do mercado agrário. E o alimento pão representa todo o decorrer deste doloroso processo social e étnico.

² Lembramos que o ditado é falado tanto em alemão quanto em pomerano: “*Den Ersten, den Tod. Den Zweiten, die Not. Den Dritten, das Brot. For dai airsta dai doud. for dai tswaita dai noud. for dai drira dat broud*”.

Imigrantes alemães de distintas províncias em sua maioria caracterizadas por forte religiosidade (principalmente as religiões católica e luterana) vieram para o Brasil, em busca de melhores condições de trabalho, pois as mudanças nas relações de produção agrária na Alemanha ocasionaram a proletarização e a conseqüente miséria de suas populações camponesas.

A imigração alemã no Brasil esteve vinculada ao processo de colonização baseado na pequena propriedade promovida por iniciativa do Estado Brasileiro desde a primeira metade do século XIX nos estados do Sul do País e no Estado do Espírito Santo.

De acordo com Seyferth(1988, p. 4), a importância da imigração se deve mais ao seu aspecto histórico e sociológico do que ao contingente numérico. Isto se deve ao fato de esta ter se estabelecido em colônias em regiões pioneiras, contribuindo para a construção de uma sociedade distinta da nacional e uma estrutura fundiária baseada na pequena propriedade familiar nas áreas onde se estabeleceu.

Segundo Rocha (1984), a história da imigração, para o Espírito Santo, compreendeu três fases: a) 1847 a 1881; b) 1882 a 1887 e; c) 1888 a 1896.

Na primeira fase foram criadas quatro colônias: Santa Isabel, em 1847; Rio Novo, em 1855; Santa Leopoldina, em 1857; e Castelo, em 1880.

Em 1847, o Governo Imperial enviou para o Espírito Santo 163 imigrantes alemães provenientes do Hunsrück e do Hesse, região central do Reno. Eram 38 famílias que foram instaladas entre os Rios Jucu e Braço do Sul, a sete léguas de distância de Vitória, os quais fundaram a colônia de Santa Izabel.

Após a sua fundação, Santa Isabel só voltou a receber novos colonos a partir de 1858. Em 1859 e 1860 chegaram mais imigrantes alemães, sendo a grande maioria oriunda da mesma região daqueles que haviam fundado a colônia; junto com eles vieram bávaros e prussianos. Santa Isabel foi emancipada pelo Governo Imperial em 1886, e a partir dessa data nenhum imigrante foi nela instalado oficialmente, ao contrário de Rio Novo e Santa Leopoldina que, mesmo depois da emancipação, continuaram a receber os imigrantes.

É somente na década de 1870, em decorrência do aumento das entradas de imigrantes, que se dá a expansão territorial da colônia de Rio Novo. Ao núcleo inicial foram acrescentados mais quatro. O segundo território, em 1875, recebeu 230 tirolezes.

O terceiro território recebeu a primeira leva de imigrantes, composta por 773 italianos, em 1878. O quarto começou a ser povoado em 1875 por imigrantes austríacos.

Dez anos após a criação da colônia de Santa Isabel foi fundada a colônia de Santa Leopoldina. Situada à margem direita do Rio Santa Maria, em março de 1857 recebeu 140 imigrantes, em sua maioria suíços, mas também hanoverianos, luxemburgueses, prussianos e holstenianos. Descontentes com seus contratos de parceria nas fazendas de café de Ubatuba, foram enviados, pelas autoridades centrais, para a nova colônia. Esta colônia, chamada inicialmente de Santa Maria, situava-se em terreno montanhoso e pouco fértil. Por este motivo, com a autorização do Governo Imperial, foi prolongada na direção sul dos primeiros estabelecimentos. O novo núcleo recebeu o nome de Santa Leopoldina.

Após três anos de sua fundação este estabelecimento colonial recebeu novos contingentes de imigrantes luxemburgueses, hessenianos, austríacos, holandeses, badenses e pomeranos. Entre 1861 a 1866 não houve entrada de imigrantes, porém, a partir de 1867, a colônia recebeu grandes levas de alemães. Nessa data a população total era de 1.235 habitantes, e em 1874 já havia alcançado o total de 5.000. Esse aumento populacional levou à fundação de mais dois estabelecimentos, ligados administrativamente à colônia de Santa Leopoldina: Núcleo Timbuy e Núcleo Santa Cruz.

De acordo com Wagemann (1915, p. 26), a chegada dos pomeranos à região ocorreu no período entre 1870 e 1879, constituindo a parte principal dos povoadores protestantes, alemães, no Espírito Santo. A grande maioria do contingente de imigrantes era constituída por trabalhadores rurais diaristas e membros das classes trabalhadoras das áreas urbanas, segmentos que melhor vivenciaram o processo de transformação da estrutura fundiária na Alemanha.

O berço da colonização alemã foi constituído pelos dois vales superiores do Rio Jucu e Santa Maria da Vitória, localizados na área montanhosa, em grandes extensões de terras altas, com altitudes que oscilam de 300 a 1.000 metros, na região centro-serrana do Espírito Santo.

Atualmente as antigas colônias de Santa Isabel e Santa Leopoldina, com predominância de imigrantes alemães, são formadas pelos Municípios de Domingos

Martins, Santa Leopoldina e Santa Maria de Jetibá. Podemos acrescentar o município de Santa Teresa, cujos distritos de Alto Santa Maria e Vinte e Cinco de Julho são habitados, principalmente, por descendentes de alemães, ao passo que os outros distritos contam com a presença dos italianos.

O pão nosso de cada dia: a renda complementar

Os pomeranos são hortifrutigranjeiros, e o Município de Santa Maria de Jetibá é o maior produtor e abastecedor dessa categoria no Estado do Espírito Santo. A cafeicultura, a olericultura, o cultivo de alho e a avicultura (2º. produtor de ovos do país) são as principais atividades desenvolvidas no Município. Encontra-se em menor escala a suinocultura e a pecuária leiteira.

A mão-de-obra utilizada no período da colheita é a familiar, intercalada com a parceria e com diaristas vindos de outras cidades de municípios vizinhos, tais como Aimorés, São Mateus, Barra de São Francisco e Itarana. O calendário de plantio e colheita da olericultura e da horticultura é bastante variado, registrando colheita e plantio várias vezes durante o ano.

Os homens tratam da lavoura e de todas as etapas de produção. A aplicação de agrotóxico na plantação, a secagem do café para a venda, a arrumação dos produtos no caminhão e a comercialização nos mercados nacionais são tarefas exclusivamente masculinas. Seus espaços de sociabilidade estão relacionados à lavoura, ao comércio (mercado nacional) e a circulação entre os espaços da pequena (saber aldeão) e da grande tradição (cultura urbana).

As mulheres cuidam dos serviços da casa, tais como: preparar o café da manhã para a família, fazer o almoço, o lanche e o jantar (sobras do almoço), tomar conta das crianças e cuidar dos animais, especialmente tomar conta das galinhas. A avicultura em pequena escala é uma atividade essencialmente feminina, sendo uma das atividades mais comercializáveis da região. Veremos na descrição do casamento pomerano, associação simbólica existente entre certos animais, o papel desempenhado pelas mulheres e sua ocupação no interior da casa camponesa.

A mulher ainda é responsável pelo preparo de doces, geléias, bolos, pães de milho (Brot) e/ou cará e/ou inhame, manteiga, coalhada, de acordo com as receitas herdadas da mãe, para serem vendidos na ocasião das feiras locais. Elas também bordam e costuram para fora, vendendo nas lojinhas de artesanato da região, nas feiras locais e nas festividades comunais, tais como festa do colono, festa pomerana, festas da

colheita, festas paroquiais e festa do Brot. O pão é considerado uma tarefa essencialmente feminina.

Esse trabalho produz a renda complementar que ajuda nas despesas médicas, de vestimenta e nas urgências que podem ocorrer com algum membro da família.

A venda destes produtos é realizada na feira local na cidade de Itarana e em Santa Maria no período de quinta-feira a sábado (manhã). A feira local vende produtos que não foram vendidos na Ceasa (Grande Vitória) juntamente com os produtos feitos pelas mulheres (pães, bolos, geléias e biscoitos). Os dias de quarta e domingo são aqueles nos quais as mulheres produzem pães e bolos para a venda na feira e para o consumo da própria família.

Além da venda de produtos caseiros, as mulheres trabalham nos casamentos da região confeccionando a decoração da Igreja, cozinhando a alimentação e arrumando todo o espaço destinado à cozinha. Dependendo das posses das famílias envolvidas, os casamentos podem mobilizar até 2.000 pessoas como convidadas para a festa. A equipe da cozinha normalmente é composta pelas melhores cozinheiras da região, em geral aquelas que possuem o status de serem casadas e com filhos. Solteiras não são chamadas para estas atividades. Para compor a equipe da cozinha principalmente quando se trata de cozinhar para festas de casamento, é preciso ser boa cozinheira, ter sido criada na roça e “saber bem as tradições”. A comida preparada para a comemoração do casamento (três dias de festa) é mantida por gerações de pomeranos e constitui para eles a ideia de manutenção daquilo que é mais “tradicional” e que os diferencia dos outros grupos sociais e étnicos.

O trabalho na festa de casamento pode render mais um dinheiro complementar e aumentar o prestígio como cozinheira junto à comunidade. Não apenas a complementação da renda familiar, mas também o status de participar do rito de passagem mais importante e que simboliza paradoxalmente o cerne da identidade étnica e social, pois trata-se da reprodução social dos camponeses de origem pomerana. O conhecimento das tradições da boa culinária pomerana confere status a essas mulheres. A socialização das mulheres nas atividades domésticas possibilita o desenvolvimento do seu trabalho fora da esfera familiar.

Nas épocas de crise na lavoura, nas vendas no mercado ou quando há problema de doença de alguma pessoa da família ou ainda a saída de algum filho para a cidade, é a renda complementar produzida pelas mulheres que sustenta a família e dá autonomia às mulheres, muitas vezes desafiando a autoridade paterna. Mudanças na organização e na

estrutura da produção transformam as relações entre seus membros e introduzem uma crise na família camponesa.

Numa entrevista com uma pomerana da comunidade de Santa Luzia no Município de Santa Maria de Jetibá, pude averiguar os conflitos internos da família diante da autoridade paterna. Os pequenos atos de independência da mãe garantem pequenas mudanças no arranjo familiar.

A informante morava em Belém com os pais e trabalhava a meia com seus pais na idade de 16 anos. Aos 26 anos se casou e foi morar no terreno doado pelo sogro ao seu marido. Apesar de o terreno ser do marido, há alguns anos ela trabalha separada dele, com as 4.000 mudas, aproximadamente, de café e de mexerica que plantou. Ela ganha dinheiro das vendas dos seus produtos e da feitura de pão, geléia, vinho de jabuticaba e outros produtos caseiros.

Nas comunidades pomeranas, as mulheres são bilíngües e os homens trilingües. Devido à diferenciação de tarefas na organização social, as mulheres ocupam a casa e a igreja, espaços de sociabilidade que permitem a reprodução, respectivamente, das línguas pomerana e alemã. Sua freqüência nesses espaços, somada a seu papel como educadora dos valores camponeses e germânicos (*Muttersprache*), a torna transmissora da tradição.

A circularidade dos homens nos mercados locais e nacionais, além dos espaços tradicionais situados entre a propriedade, a família e a igreja, permite que dominem melhor a língua portuguesa além das outras já conhecidas no seu processo de socialização na comunidade camponesa de origem alemã.

Já a sociabilidade feminina está ligada ao trabalho, à casa, ao mercado local e ao espaço sagrado: a Igreja. A ida ao mercado local propicia uma abertura para um mundo além do universo comunitário, mas o desenvolvimento das atividades econômicas ligadas às heranças familiares faz da mulher a depositária social da tradição camponesa e pomerana.

Neste sentido, pensando a oposição sobre os dois tipos de sociabilidade que constituem parte do mundo camponês explicitada por Segalen (1980, p. 154), observa-se que o homem circula nos limites entre dois mundos.

Ir ao mercado representaria o acesso à cultura escrita, ao mercado global e à segregação masculina, opondo-se ao isolamento camponês, à unidade familiar, à cultura oral e à ordem moral. Há diferenças no contato feito por homens e mulheres com os espaços mais próximos de uma cultura urbana: aqueles circulam entre ambos os mundos, estas se circunscrevem a esfera mais próxima da tradição, da manutenção da germanidade.

Mesmo havendo diferenciações entre homens e mulheres no contato distinto com os universos da cultura urbana e da campesina, percebem-se nuances e ambigüidades na construção dos espaços de sociabilidade, as quais revelam a disputa entre ambos pela manutenção da autoridade paterna sobre a extensão da colônia (Bahia;2002).

Religião e ethos do trabalho.

Tressman (1998) e Bahia (2000 e 2011) partir de uma breve análise da situação lingüística, afirmam que a língua pomerana e a língua alemã são fundamentais na transmissão da tradição oral e na elaboração da identidade étnica e social. Ambas possuem modos distintos de serem usadas no cotidiano do grupo e peso significativo nos aspectos mágicos dos rituais que marcam os ciclos vitais do grupo e no processo de acusação de bruxaria.

A religiosidade luterana evoca tanto uma identidade étnica relacionada à constituição histórica de um sentimento nacional quanto elementos culturais próprios de uma sociedade camponesa.

No primeiro caso, essa religiosidade está ligada à história da imigração pomerana e da formação das colônias no Estado do Espírito Santo e ao relacionamento da comunidade com a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e com o pastor. Ela se expressa pelo uso de símbolos diacríticos do nacionalismo alemão, dentre eles a honra étnica, o *ethos* do trabalho e a língua alemã, considerada língua sagrada. O próprio atributo de sagrado é um elemento diferenciador utilizado pelo grupo para distinguir seus membros dos outros grupos étnicos. “*Somos luteranos, logo, somos alemães.*”

No caso da língua alemã, a sua utilização está mais próxima da religião no que se refere à esfera institucional, isto é, a participação dos pomeranos na Igreja Luterana. Este fator se torna mais evidente no apego dos pomeranos às palavras sagradas da Bíblia

expressas em alemão e aos escritos de Martin Lutero. A força das palavras sagradas expressa para os componentes do grupo o que eles são diante do mundo camponês. Temos a importância dos escritos bíblicos, das festas comunitárias organizadas pela Igreja Luterana e, como veremos mais adiante, a força das representações existentes em torno da figura do pastor.

Um exemplo do primeiro aspecto é o uso dos termos lingüísticos, pois, ao falar das virtudes camponesas, o pomerano retoma o sistema cognitivo tradicional e mostra o que é necessário para se reconhecer como sendo um “*verdadeiro*” pomerano. Nos estudos de Foster (1967) e Redfield (1969), temos a interposição do discurso ideológico com a prática através da reprodução da imagem romantizada do bom camponês, percebida nas seguintes características básicas: 1 – pobreza é uma virtude; 2 – trabalho duro faz um bom camponês; 3 – acumulação é condenada; No caso dos pomeranos, temos o uso das representações religiosas para compor uma imagem identitária idealizada para o grupo. As características do “ethos luterano” compõem a imagem da boa virtude, da pobreza e do despojamento como sendo fundamentais na elaboração da identidade camponesa. A exemplo temos uma inscrição de uma tabuleta_ citação bíblica do versículo de Matheus_ encontrada na casa de uma das famílias entrevistadas que diz: “*Die Vögel unter dem Himmel haben Nester, aber des Menschen Sohn hat nicht, da er sein Haupt hinlege*” (os pássaros possuem ninho no céu, mas o filho do homem nada possui, a não ser sua cabeça repousada).

Lembramos que Lutero, em sua doutrina da justificação pela fé, contrariamente à ética calvinista descrita por Max Weber (1987), não prevê a mobilidade social uma vez que a figura divina elege a vocação e quem é o eleito. O destino já está traçado por Deus, e ao se nascer camponês se deve cumprir bem o seu caminho. O ethos religioso expresso na apropriação da língua alemã não demarca apenas uma identidade de camponês, mas também a especificidade étnica frente à sociedade nacional. Orienta ainda as transformações do grupo diante das próprias dificuldades de reprodução social.

Os pomeranos, diante da mobilidade social do mundo camponês, aciona as imagens sagradas da religião através do uso da língua alemã, reinventando a figura do “camponês tradicional”. É o uso da imagem do camponês luterano e imigrante trabalhador que perpassa as diferenciações internas do grupo e que organiza o mundo

dos eventos e das festas da comunidade. O pão e sua forte carga religiosa organiza esse mundo e essa imagem em modo de alimento, mostrando o que é “*ser camponês*”.

A identidade de “*camponês tradicional*” faz parte da lógica que é acionada em algumas situações como valor identitário, como forma de persistência da identidade camponesa num mundo em crise através das festas comunais tais como: Festa do Colono, Festa da Colheita, Festa Pomerana, Festival de Danças Folclóricas e dos Tocadores de Concertina. Estas festividades são parte do calendário da comunidade do Município de Santa Maria de Jetibá e em todas elas não se pode faltar o Brot.

Todas estas festividades são organizadas pela Igreja Luterana em conjunto com a Prefeitura, grupos folclóricos e escolas locais. Em especial, a Festa da Colheita foi trazida da Alemanha e reinventada no Brasil pela Igreja Luterana. Quanto às outras festividades, não pude averiguar de que segmento elas se originaram, mas acredito que das instituições locais, mas em especial da mais importante dentre elas: a Igreja Luterana.

A frequência a estas festas é constituída pelos próprios pomeranos, moradores das cidades mais próximas. Em geral, não há frequência de turistas ou moradores da região urbana, como ocorre no caso da Festa da Imigração Alemã, a chamada Sommerfest, promovida pela Igreja Luterana de Domingos Martins. Esta festa reúne um contingente enorme de pessoas vindas de várias regiões do Estado, mas principalmente da Grande Vitória. Possui maior caráter turístico do que todas as outras, que são consideradas pelos pomeranos como festas da própria comunidade, isto é, festa de pomerano frequentada pela “própria gente da roça”. A Sommerfest, isto é, Festa do Verão, se refere à época em que chegaram os primeiros alemães, em sua maioria da região do Hunsruck e do Hesse, e que formaram a colônia de Santa Isabel (ano de 1847), atualmente Município de Domingos Martins. Para os pomeranos, a Sommerfest é a festa dos alemães mas não de “gente da roça como eles”. Ao acionarem o “*ser da roça*” como elemento de distintividade em relação aos outros alemães, os pomeranos se valorizam como sendo “*mais pomeranos*” e portanto “*mais alemães*”, do que aqueles “*que se dizem alemães e não falam mais dialeto, não conservam mais as tradições*” e que são alemães “*apenas para turista ver*”.

Segundo Seyferth (1994, p. 25), os limites étnicos nunca são unívocos, têm flexibilidade, são manipuláveis conforme a situação; um traço cultural que, num

determinado período, pode ser usado como sinal inequívoco de pertencimento étnico tem sua utilização restringida ou modificada quando deixa de ser do domínio geral.

No caso aqui tratado temos a questão do “falar a língua alemã” ou o “dialeto original” e “ser mais ou menos camponês”. Estas características são acionadas pelos pomeranos para se distinguirem dos alemães do Hunsruck e do Hesse. Seyferth (1994, p. 25) nos lembra que a proliferação de “*festas típicas alemãs*” no Sul do País mesmo que tenha uma finalidade turística_ como é o caso da Oktoberfest de Blumenau e a Sommerfest de Domingos Martins- , valoriza aspectos da cultura alemã e da história do próprio processo de colonização que moldaram a identidade teuto-brasileira.

Então, para os pomeranos, suas festas comunais, ao mesmo tempo em que põem em evidência sua distintividade em relação aos outros grupos de imigrantes alemães, elaboram uma representação de camponês tradicional. Esta representação expressa a instabilidade do mercado, os problemas da excessiva divisão da terra e da transmissão da herança e da saída das gerações mais novas por aspirarem por valores urbanos. Esta situação na maior parte das vezes inviabiliza o retorno, pondo em xeque a própria reprodução da identidade do grupo (Champagne, 1977).

A questão é: quem vai ser considerado camponês diante das transformações econômicas e sociais do próprio campesinato? Até onde existem valores e tradições que se mantenham na história da imigração?

Estas questões se justificam na medida em que os pomeranos se diferenciam dos nacionais como colonizadores e também na diferenciação interna existente entre os pomeranos, decorrente das distinções das disposições econômicas e de mobilidade social existentes. Temos, então, acionada pelos pomeranos, a dupla imagem do imigrante de origem alemã empreendedor e “camponês típico”. Esta última imagem é retomada estrategicamente diante das dificuldades de reprodução social do campesinato de origem pomerana.

Os pomeranos, ao valorizarem o passado, a origem mítica, reabilitam a tradição e expressam uma identidade que dá unidade à diferenciação interna existente na sua estrutura camponesa. É na figura do pequeno proprietário que tem a posse da terra, mas que completa sua sobrevivência com atividades casuais, que se pauta a imagem do

“camponês típico”. Ele é o detentor dos meios de produção, mas se encontra ameaçado pelo processo gradual de proletarização do campesinato. Fazer o pão é importante, pois não apenas aciona esse passado da imigração, mas reabilita a imagem de um mundo autosuficiência, aonde se tem o controle dos meios de produção e ainda alimenta a todos os cidadãos da cidade e os da colônia.

Scott (1986) explicita a importância das atitudes de mudança no próprio cotidiano do camponês. O campesinato não é um ator passivo da história, mas age no cotidiano de forma política sem ser necessariamente através de revoluções, mas nas pequenas atitudes que podem vir a ter ressonância no mundo externo. No caso dos pomeranos, é o campesinato ameaçado de perder terras que se apropria do discurso da importância da agricultura para a sociedade, e isto se apresenta de forma recorrente na seguinte fala: “Somos nós que alimentamos o mundo”.

A representação do camponês “típico” não apenas é acionada por esta parcela do campesinato pomerano, mas é também amplamente retomada tanto pelas gerações mais antigas quanto pelas mais novas e pelos pomeranos que ocupam diferentes lugares nos espaços de mobilidade social do mundo camponês. Nos momentos de recriação das estratégias de reprodução social diante da sociedade nacional, temos resgatada pelos pomeranos esta representação de “camponês típico” através do uso estratégico das línguas alemã e pomerana.

Neste sentido, as festas comunitárias tais como a Festa do Colono e a Festa da Colheita são reinvenções da Igreja Luterana que transformam estes eventos em uma linguagem coletiva, tomando a categoria colono como equivalente à de camponês. Lembramos que a festa da Colheita é comemorada em setembro, conforme o calendário agrícola na Alemanha. Na região estudada a colheita é realizada no decorrer do ano. Vemos que “a identificação como ser coletivo inclui tanto a objetividade dos fatores culturais e sociais, delineadores de uma comunidade camponesa específica, como a subjetividade de elementos etnicamente elaborados e contidos, sobretudo, na idéia de 'origem' dada pela imigração” (Seyferth;1994, p. 61).

Neste contexto, a denominação colono estabelece uma condição camponesa de uma população internamente heterogênea e diferenciada, mas que em algumas circunstâncias assume uma identidade social comum, delineando assim as fronteiras da comunidade étnica e os parâmetros da condição social (ibid., 1994). Assim sendo, a

comunidade camponesa se reconhece numa linguagem. A expressão do ethos religioso é um sinal gramatical, reconhecimento de uma linguagem através de um mediador local/nacional (Igreja Luterana) que reconstrói para os pomeranos uma noção identitária a partir da fala sagrada, produzindo imagens de consenso, “*aparentemente sobrepostas*” às diferenciações internas do grupo.

A imagem idealizada do camponês resgatada na noção de colono pela Igreja concorre com a noção de lavrador retomada pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais nas festividades das respectivas instituições. Os mediadores étnicos concorrem para a legitimação de uma idéia de identidade, expressando as diferentes circunstâncias e formas de acionar a identidade social e étnica pelos pomeranos. Ora a noção de lavrador os separa internamente de acordo com as disposições econômicas e sociais, ora a noção de colono os une através da origem mítica do imigrante empreendedor.

Cabe lembrar que os pomeranos fazem o uso simbólico consciente das imagens produzidas pelos mediadores, que são constantemente retrabalhadas no sentido de expressar os diferentes interesses existentes no próprio grupo de acordo com os vários momentos sociais. A mediação da religião é uma das mais fortes, pois evoca o sentimento de nação reconstruído pelo uso da língua mãe pela igreja luterana e ainda associa a ideia de alimento àquilo que alimenta o espírito de coletividade.

A imagem do pão como alimento desejado pelo campesinato é tema frequente nas histórias de aldeias de toda a Alemanha coletadas pelos irmãos Grimm na obra *Deutsche Mythologie* (1835). A ideia central da obra era de expressar o que seria o autêntico “*espírito nacional*”. Além dos estudos de folclore³, em 1838 os autores dão início ao dicionário da língua alemã. Ambos contribuíram para a linguística alemã então nascente, fundando a gramática histórica e comparada. É na segunda edição de sua

³ Os estudos de folclore são parte de uma corrente de pensamento mundial, cuja origem remonta à Europa da segunda metade do século XIX. Ao mesmo tempo em que procuravam inovar, esses estudos eram herdeiros de duas tradições intelectuais que se ocupavam anteriormente da pesquisa do popular: os Antiquários e o Romantismo. Os Antiquários são os autores dos primeiros escritos que, nos séculos XVII e XVIII, retratam os costumes populares. Colecionam e classificam objetos e informações por diletantismo, e acreditam que o popular é essencialmente bom. O Romantismo, poderosa corrente de ideias artísticas e literárias, emerge no séc. XIX em associação com os movimentos nacionalistas europeus. Em oposição ao Iluminismo, caracterizado pelo elitismo, pela rejeição à tradição e pela ênfase na razão, o Romantismo valoriza a diferença e a particularidade, consagrando o povo como objeto de interesse intelectual. O povo, para os intelectuais românticos, é puro, simples, enraizado nas tradições e no solo de sua região. O indivíduo está dissolvido na comunidade.

Gramática Alemã que Jacob descreve as leis da fonética que regulam a evolução das consoantes nas línguas germânicas, sendo também o autor de uma História da Língua Alemã (*Geschichte der deutschen Sprache*).

Lembramos que a valorização da natureza, do mundo rural _num momento em que o artifício industrial e o modo de vida urbano transformam as sociedades europeias_ são reações críticas ao iluminismo e ao modo linear e materialista da filosofia anglo-francesa. Os trabalhos dos românticos sobre cultura popular, tendo como base a poesia, a música, a literatura (interesse de Herder e dos irmãos Grimm), a religião, as festas populares expressam uma reação ao elitismo, a rejeição à tradição e a ênfase na razão iluminista.

A concepção própria de temporalidade e a atenção aos costumes populares pela valorização moral do objeto estudado, presentes nos antiquários, ganha no Romantismo um caráter mais definido.

As manifestações artísticas também são valorizadas, pois ao criar o artista expressa uma individualidade coletiva. Neste sentido, Herder compreendia que a “*arte era a expressão plena do homem em sociedade*”. A sua concepção de povo mostra que este é um indivíduo dissolvido na comunidade. Este é um depositário da autêntica cultura popular, definido pelos intelectuais como sendo, o camponês, o simples, o natural, o inculto, o instintivo, o irracional, enraizado nas tradições e no solo de sua região. Neste sentido, a luta pelo pão e pela água de cada dia não apenas evoca a ideia de uma alimentação mínima a sobrevivência deste campesinato, mas a ideia de frugalidade, simplicidade trazidas pelo espírito luterano presentes no imaginário alemão.

Referências bibliográficas:

BAHIA, Joana. O tiro da bruxa. Identidade, magia e religião na imigração alemã. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

BAHIA, Joana. Canaã. A terra prometida In: A história social do campesinato brasileiro. Ed.São Paulo, Brasília : NEAD,UNESP, 2009, volume 2.

BAHIA, Joana. Doces poderes: a disputa pela autoridade na casa camponesa. In Fragmentos de Cultura. Goiânia, Editora da Universidade Católica de Goiás,2002 , v.12, N.6, 2002. p.1111 – 1120

CHAMPAGNE, P. La fête au village. *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, Paris: n. 17-18, p. 73-84, nov. 1977.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986. .

DREHER, Martin Norberto. *Igreja e germanidade. Estudo crítico da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Editora Sinodal; Caxias do Sul: Editora da Universidade de Caxias do Sul, 1984.

FOSTER, George. What is a peasant? In: POTTER, J. M. *Peasant Society: a reader*. Boston: Little Brown, 1967.

_____. Peasant society and the image of limited good. In: Potter, J. M. *et al. Peasant Society: a reader*. Boston: Little Brown, 1967.

KRAYER, E. Hoffmann; STÄUBLI, H.; BÄCHTOLD. *Handwörterbuch des Aberglaubens*. Berlim e Leipzig: Walter de Gruyter: CO, 1930/1931.

LUTERO, Martim. *Obras selecionadas*. Debates e controvérsias, I. São Leopoldo: Editora Sinodal; Porto Alegre: Concórdia Editora, 1992. p. 422-432.

ORTIZ, Sutti. Reflexiones sobre el concepto de la cultura campesina y los sistemas cognitivos campesinos. In: SHANIN, Teodor. (1971) *Campesinos y sociedades campesinas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

REDFIELD, Robert. *The little community and peasant society and culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 1965.

_____. *The primitive world and its transformation*. Middlesen: Penguin Books, 1969.

ROCHA, Gilda. *Imigração estrangeira no Espírito Santo, 1847-1896*. Niterói: Instituto de Ciências Humanas e Filosofia/Universidade Federal Fluminense, 1984. Dissertação de Mestrado.

ROCHE, Jean. *A colonização alemã no Espírito Santo*. São Paulo: Difel/USP, 1968.

SEGALEN, Martine. *Mari et femme dans la société paysanne*. Paris: Flamarrion, 1980.

SEYFERTH, Giralda. Imigração e colonização alemã no Brasil: uma revisão da bibliografia. *Boletim Informativo e bibliográfico de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro: n. 25, 1988.

_____. A identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Editora ULBRA, 1994.

SHANIN, Teodor. (1971) *Campesinos y sociedades campesinas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

TRESSMANN, Ismael. Bilingüismo no Brasil: o caso da comunidade pomerana de Laranja da Terra. *Revista da Associação de Estudos da Linguagem do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

WAGEMANN, Ernst. (1915) *A colonização alemã no Espírito Santo*. Rio de Janeiro: IBGE, 1949.

WEBER, Max. (1892) A situação dos trabalhadores rurais da Alemanha nas províncias do Além-Elba. In: *A questão agrária*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

_____. Comunidades étnicas. In: *Economia e Sociedade*. México, Fondo de Cultura Económica, 1944.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1987.

WILLEMS, Emilio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.